**UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A SECA DO NORDESTE EM ENUNCIADOS MIDIÁTICOS**

Ana Taisa da Silva Barbosa

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN;

[isa.jackson000@gmail.com](mailto:isa.jackson000@gmail.com)

Maria Eliza Freitas do Nascimento

Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; elizamfn@hotmail.com

**RESUMO:**

Analisar o funcionamento da linguagem no contexto social permite lançar diferentes olhares, dentre eles destacamos a historicidade na produção do sentido. Entra nesta discussão a teoria da Análise do Discurso de linha francesa que oferece ferramentas teórico-metodológicas para uma discussão que envolve a relação entre a linguagem e a exterioridade a partir da discursividade que envolve diferentes objetos. Desse modo, objetivamos com este trabalho analisar o discurso sobre a seca nordestina em enunciados midiáticos, destacando o interdiscurso e a memória discursiva como basilares para a construção dos efeitos de sentido. Para tanto, o nosso *corpus* de pesquisa constitui-se de uma matéria do site G1 *online*, intitulada: Chuva no dia de São José é esperança para 9 cidades vítimas da seca em PE, dialogando com charges que produzem sentidos sobre a seca. Vale ressaltar que estas foram coletadas em ambientes midiáticos disponíveis na internet. Como embasamento teórico, fundamentamos nas contribuições de Pêcheux e Foucault, bem como em autores que teorizam sobre o discurso, tais como Gregolin, Orlandi, Fernandes, Nascimento. A partir da análise feita sob o viés do Interdiscurso e da Memória discursiva podemos elencar como principais resultados, o dialogo com o discurso religioso, a fé, a crença em Deus e nos santos estão presentes na construção dos efeitos de sentido, assim, a religiosidade se acentua como forma principal para solucionar o problema da seca.

**PALAVRAS-CHAVE**: Interdiscurso. Memória discursiva. Mídia. Seca. Nordeste.

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Os estudos da linguagem desdobram-se em diferentes concepções, que faz com que a comunicação ocorra em suas diversas formas. A língua passou a ser estudada não com um elemento homogêneo e fechado em sim, mas sim, como um elemento vivo e em circulação na sociedade que, possibilita a comunicação dos seres humanos.

Em um dos vários estudos que giram em torno do funcionamento da linguagem, encontramos na teoria Análise do Discurso de linha francesa (Doravante AD) levantamentos e discussões que nos permite relacionar a linguagem em consonância com a historicidade e efeitos de sentido, isto é, o que está em relação com o contexto social, que não produz somente um sentido único. Com isso, ressaltamos que este trabalho tem como objetivo, analisar o discurso da seca no nordeste em enunciados midiáticos, a partir de algumas das categorias da Análise do Discurso de linha francesa, a saber: interdiscurso e memória discursiva, tendo como *corpus* de pesquisa: uma matéria uma do site G1 *online*, o portal de jornalismo comandado pela Rede Globo intitulada: Chuva no dia de São José é esperança para 9 cidades vítimas da seca em PE, dialogando com uma charge. Vale ressaltar que estas foram coletadas em ambientes midiáticos disponíveis na internet. Os contextos sociais e históricos permitem o entrecruzamento de discursos e a construção de vários efeitos de sentido e não somente com uma única visão, como também, aborda um assunto que é bem conhecido, de cunho social e também levanta muitos questionamentos. Portanto, justificamos a utilização do discurso sobre a seca nordestina produzidos na mídia como objetos de análise neste trabalho pela relevância de se estudar a linguagem e sua exterioridade, a partir da Análise do Discurso.

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira: inicialmente faremos uma discussão teórica sobre a Análise do Discurso francesa, enfocando o surgimento da AD, as sua três fases, suas categorias de análise: interdiscurso e memória discursiva. No segundo momento, faremos a análise do *corpus* da pesquisa e por último apresentamos as considerações finais, sintetizando as discussões da análise.

**ANÁLISE DO DISCURSO: PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

A linguagem sempre foi instrumento de estudos e pesquisa desde tempos passados até os dias atuais. Ela apresenta diferentes concepções, incluindo a que a considera como forma de expressão de pensamento, como sistema de signos, como também voltada para a historicidade, considerando diálogos com o contexto social. Assim, a linguagem, é comunicação e, imprescindível para fazer com que o homem compreenda o mundo em que vive.

Foi sob as lentes de uma visão mais ampliada do funcionamento da linguagem que surgiu a Análise do Discurso de linha francesa, como teoria linguística iniciada na França, no final da década de 1960, com a publicação da obra *Análise automática do Discurso*, no ano de 1969, escrita por Michel Pêcheux. Indo mais além, cabe aqui ressaltar que junto a Pêchuex, juntaram-se outros estudiosos de diferentes formações, entre os quais se destaca Jean Dubuois, um linguista e lexicólogo.

A análise do Discurso surge com vistas a trazer à tona a linguagem com a exterioridade. Ela toma o discurso como objeto de análise, pois, todo discurso dá margem a produção de sentidos e se materializa na linguagem. Também podemos mencionar a relação do discurso com o acontecimento, com contexto social, os sujeitos e a construção dos efeitos de sentidos, a partir de interpretações em consonância com o meio sócio-histórico e ideológico. Conforme diz Orlandi ( 2013, p. 16), a AD “leva em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção”.

A articulação entre linguagem e sua exterioridade nos estudos da AD é imprescindível para a construção dos efeitos de sentidos, envolve também as condições de produção dos discursos proferidos na sociedade e a relaciona com o que já foi dito anteriormente, tornando possível esta construção.

Sendo assim, é importante sabermos sobre a noção de discurso construída pela AD. O discurso não se limita diretamente e unicamente a dimensão dos elementos ligados à linguagem. Desse modo, considerá-la como materialidade é indispensável para a existência concreta do discurso, conforme aponta Fernandes (2005, p. 20) “[...] O discurso tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem o texto, nem a fala, mas que necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material”. É na linguagem que o discurso encontra sua materialidade, tendo em vista que o próprio discurso pressupõe uma exterioridade à língua, encontra-se no social, envolvendo, os efeitos de sentidos históricos sociais ideológicos que se materializam na linguagem.

O sentido na AD carrega consigo a condição de não ser fixo, pois está sempre se movendo, se moldando, podendo assim, desencadear no discurso, diferentes interpretações nos sujeitos a partir do lugar que ocupam, já que parte da conjuntura social, ideológica e histórica.

Cabe aqui ressaltar que a Análise do Discurso não surgiu com suas ideias prontas e acabadas, esta passou por ampliação de estudos, partindo de releituras de outras disciplinas e campos de estudos como: a linguística, o materialismo histórico e a psicanalise, ganhando assim, seu caráter de interdisciplinar. A linguística parte das discussões de Ferdinand De Saussure que propõe o estudo da língua como estrutura interna, ou seja, objeto fechado em si mesmo, um sistema homogêneo de signos. O que interessa para AD é a língua não como esse sistema de signos, mas em relação com a exterioridade, por isso o sentido é o proposito da teoria.

O materialismo histórico parte das releituras feitas por Althuser sobre o Marxismo, trazendo a tona questões relacionadas à ideologia e seu funcionamento na sociedade. A psicanálise é a terceira parte do tripé importante para os estudos teóricos da análise do discurso, pelas releituras que Lacan fez de Freud, ele retoma a ideia do inconsciente do sujeito, mostrando assim, um sujeito dividido, clivado. Essa noção interessa à teoria do discurso.

Na evolução dessa teoria, as três fases da AD merecem destaque, pois estas por sua vez apresentam algumas mudanças à medida que os estudos vão evoluindo. Na primeira fase, os discursos eram analisados de forma homogênea, sendo observadas as relações de sinonímia nas frases. Nesta fase a ideia de maquinaria discursiva prevalece, como um discurso fechado em si mesmo. Segundo Fernandes (2005, p.80) “Na AD 1, o discurso foi resultante de condições de produção estáveis e homogêneas, sendo também homogêneo, ou seja, uma maquinaria discursiva fechada em si”.

A segunda fase, AD 2, ainda está muito relacionada a primeira, porque a construção do discurso parte da análise como um sistema homogêneo, contudo a noção de maquinaria discursiva começa a explodir. É também nesta fase que começa a surgir a noção de formação discursiva, conceito criado pelo filosofo Michel Foucault. De acordo com Fernandes (2005, p.18) “O conceito de Formação Discursiva, tomado como empréstimo do filosofo Michel Foucault, é o dispositivo que desencadeia esse processo de transformação na concepção do objeto de análise da Análise do Discurso”, fazendo assim uma análise menos estabilizada do sentido.

Na terceira fase da AD, que vai do período de 1980 a 1983, a noção de maquinaria discursiva explode definitivamente, o que nos leva a pensar que a forma homogênea de conceber o discurso, nesta fase, especificamente, passa a ser heterogênea, isso porque o sujeito deixa de ser visto como assujeitado e passa a ocupar uma posição discursiva. “o sujeito é clivado, invadido constitutivamente pelo outro” (NASCIMENTO 2010, p. 35).

Os diálogos estabelecidos com outros autores como Bakthin e Foucault. Neste trabalho as ideias de Foucault são mais produzitivas, pois, ele considera o discurso como um conjunto de enunciados que se apoia na mesma formação discursiva. Sistema de dispersão e de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação. (FOUCAULT, 2007).

Pelo que foi dito, entendemos que Foucault (2007) propõe uma noção de discurso ligados às ideias da Nova História, marcando o acontecimento como forma de produção de discursos. Percebemos então que esses enunciados se sustentam nas formações discursivas permeadas por diferentes dizeres. Esta concepção marca uma nova era para esta área de estudo.

Nesta época Pêcheux não tomou somente o marxismo como fonte primária para seus estudos. As ideias Foucaultianas trazidas por Courtine para AD, através da releitura que este fez do livro *Arqueologia do Saber*, faz aparecer novas categorias de análise como a memória discursiva e o interdiscurso e também questões voltadas para uma concepção mais ampliada do sujeito que passou a fazer parte dos estudos na análise do discurso. A relação com o acontecimento possibilita observar os enunciados que precedem e seguem uma produção discursiva por meio da exterioridade que caracteriza o interdiscurso.

Desse modo, os dizeres são retomados na trama dos acontecimentos, nas relações entre os discursos. Assim, os diferentes discursos proferidos em diversos momentos da história e, em lugares sociais distintos, caracterizam o interdiscurso na AD. Essa categoria ganhou força na terceira fase e com as ideias voltadas diretamente para a exterioridade da língua.

Para Nascimento (2010, p. 92) “O interdiscurso surge na AD, como a possibilidade de dialogar com outros discursos por meio da retomada de discursos anteriores, não há discurso único, tudo que se diz já foi dito antes”. O diálogo estabelecido com outros discursos possibilita buscar na historicidade, as reformulações do que já foi dito anteriormente. Os dizeres não estão no plano da unicidade da linguagem, é necessário recorrermos ao que já foi dito antes em um dado momento histórico, e relacioná-los com outros.

Segundo Orlandi (2013) no que concerne à relação do dizível e do repetível, o discurso apresenta-se em dois eixos, o vertical e o horizontal. O primeiro diz respeito ao que foi dito, mas foi esquecido, este eixo é denominado interdiscurso, reporta-se então para a historicidade. Já o segundo está no plano do dizível, ao que está sendo dito em um dado momento, este é chamado de intradiscurso.

O interdiscurso pode ser melhor definido pelas palavras de Courtine (1999, *apud* NASCIMENTO, 2010)

séries de formulações, marcando cada uma, enunciações distintas e dispersas, articulando-se entre elas formas linguísticas determinadas (citando-se, repetindo-se, parafraseando-se, opondo-se entre si, transformando-se...). É nesse espaço discursivo, que se poderia denominar, seguindo M. Foucault, ‘domínio de memória’, que se constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciador na formação dos enunciados preconstruídos, de que sua enunciação apropria-se.

Entendemos então que, interdiscurso é o resgate de outros discursos ditos anteriormente em circunstancias em que o discurso torna-se alvo de repetição, de formulação, e isso só é percebido através da memória discursiva, pois essa funciona como os discursos são retomados e ressignificados.

Em linhas gerais, o interdiscurso pode ser visto como o eixo das possibilidades que nos leva a pensar na formação discursiva como heterogênea, e principalmente permite o resgate da memória discursiva, pensando nos diversos dizeres, de diferentes momentos históricos e diferentes lugares sociais, trazendo esse entrelaçamento, essa possibilidade dialógica com outros dizeres.

Antes de tudo, esclarecemos que o papel da memória discursiva na AD não tem relação com questões relacionadas ao nosso pensamento, lembranças individuais, mas sim, ao que está na exterioridade, no coletivo. Ela serve como um suporte para perceber a circulação de outros discursos que podem ter sido dito antes de outra.

A memória discursiva é imprescindível para que possamos entender como os dizeres aparecem ressignificados, a partir da produção de discursos produzidos por diferentes sujeitos. Há assim, a possibilidade de uma nova formulação ou interpretação do enunciado, através do resgate histórico dos acontecimentos. Para Fernandes (2005, p. 56), “trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto e de uma interdiscursividade, refletindo materialidade que intervém na sua construção”. A memória nos permite perceber os discursos reformulados em momentos anteriores, concluímos, então, que é a partir dela que os elementos do interdiscurso podem ser resgatados, reformulados, reorganizados.

Michel Pêcheux em seu texto *O Papel da Memória* (1999) procura compreender como o resgate da memória discursiva, enquanto fonte importante para a materialização do discurso encontra-se no plano do repetível e do legível. Ante a isso o autor afirma:

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem reestabelecer os “implícitos”, (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. Pêcheux (1999, p. 52)

Entendemos pelo exposto o que este autor coloca em questão é como a memória discursiva resgata o que foi dito anteriormente estabelecendo relações com o que está sendo dito. Ele enfatiza que isto ocorre por meio do que pode ser resgatado, citado, da relação com outros enunciados, a partir do que está implícito nos dizeres. Nesse interim, é preciso que o analista ao tomar a memória discursiva como possibilidade de construção dos efeitos de sentido nos discursos. Como podemos ver na análise do discurso sobre a seca no Nordeste.

**A SECA NO NORDESTE: INTERDISCURSO E MEMÓRIA DISCURSIVA NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**

A seca faz parte da realidade de algumas regiões do país. Além disso, ganha grande repercussão nos enunciados do campo midiático, que age como suporte de materialidades que configuram o discurso para a construção de efeito de sentido.

Os enunciados que circulam em sociedade e sua constituição enquanto materialidades discursivas nas malhas da historicidade possibilitam a produção de diferentes efeitos de sentidos por meio do resgate, da retomada, da reorganização dos discursos. Levando em consideração a mídia enquanto prática discursiva, tomamos como *corpus* de análise, nessa discussão, a matéria do site G1 *online*, o portal de jornalismo comandado pela Rede Globo intitulada: Chuva no dia de São José é esperança para 9 cidades vítimas da seca em PE, dialogando com uma charge, tanto a matéria, quanto a charge, foram coletadas em ambientes midiáticos, por serem dizibilidades em circulação no campo midiático e social, como também, tratam da mesma temática abordada nas reportagens.

Procuramos nesta materialidade o resgate da memória discursiva e a articulação com o interdiscurso para compreendermos os efeitos de sentidos. Iniciamos nossa análise pelo título da reportagem, o enunciado: Chuva no dia de São José é esperança para 9 cidades vítimas da seca (MARKMAN, 2013). Nesse Enunciado, o sentido é construído pela articulação com o interdiscurso religioso.

Segundo Fernandes (2005) o sentido não é único, pois existem várias possibilidades de perceber os diferentes efeitos de sentidos ou interpretação dada a determinado enunciado. Dessa forma, observamos no enunciado título da reportagem que o sentido parte do discurso religioso, pois sendo São José considerado o santo dos agricultores, também será intercessor para mandar chuva para o Nordeste. A religiosidade é uma estratégia discursiva que mostra a construção do sentido relacionada a imagem de um povo que mesmo diante de uma condição de vida sofrida causada em função da seca, apresenta na fé do sertanejo, em qualquer circunstância, como uma característica da identidade nordestina, sendo marcada pela fé do sertanejo e confiança na devoção a um santo, projetando nele condições de melhorias no que concerne a mandar chuva para o sertão.

Em outro enunciado do enunciado midiático “mesmo neste cenário verde desbotado, muitos agricultores continuam com fé no santo, à espera de que brotem novamente as cores no roçado”. (MARKMAN, 2013), a construção de sentido, nesse discurso, apresenta o sertanejo e sua fé fervorosa, que deposita todas as suas esperanças confiando na força divina que tudo pode realizar e melhorar. Sobre a religiosidade do sertanejo, pode-se afirmar que: “a fé é a maior riqueza que se possui, e acreditar em Deus se torna meio de sobrevivência” (NASCIMENTO 2010, p. 100). Nesse sentido, o discurso religioso funciona como um recurso de uma relação interdiscursiva que se sobressai em qualquer circunstância da vida do homem sertanejo que apela para a ajuda e a intercessão Divina que tudo pode resolver.

Pelas palavras de Nascimento (2010), podemos retomar o interdiscurso da cultura popular que faz parte das ações cotidianas da vida do sertanejo como devoção aos santos e a Deus, uma maneira de vivenciar e professar mais ainda sua fé, acreditando sempre na benção divina. Podemos mencionar algumas delas, como os oratórios montados nas casas, as imagens de santos nas paredes e as procissões realizadas nos dias santos pelos fieis. Uma delas é a de São José, pois faz parte da devoção de andar pelas ruas com o santo, rezando, cantando benditos, pedindo chuva para o sertão. Essas e outras ações são sinônimos de intercessão e penitência para que a chuva apareça no sertão. As promessas também são um exemplo disso.

No enunciado em pauta: Chuva no dia de São José é esperança para 9 cidades vítimas da seca (MARKMAN, 2013) a palavra “vítima” é usada referindo-se às cidades que sofrem com a seca. A palavra carrega um efeito de sentido ligado ao interdiscurso que designa alguém que sofreu algum tipo de violência, dano ou prejuízo. Ao relacionar estas duas palavras em formações discursivas diferentes, percebe-se o entrelaçamento dos discursos. Logo, o sentido da palavra “vitima” passa a fazer parte do discurso da seca, construindo o efeito de sentido de que a seca traz uma condição de sofrimento, dor e é um problema difícil de ser solucionado, de forma que as cidades passam a ser consideradas vítimas, como se estivessem à margem da sociedade. Além disso, o efeito de sentido da palavra “vítima” ao ser levado para o campo discursivo da seca faz entender que a esta é evidenciada como um acontecimento que mergulha o nordestino em uma circunstancia de vida marcada pelo sofrimento, restando ao sertanejo recorrer ao discurso religioso como forma de solucionar tal questão climática.

Desse modo, o discurso midiático analisado apresenta como estratégia discursiva uma data que é considerada simbólica para a chegada das chuvas, dia 19 de março, dia de São José. Isso acontece porque a memória discursiva faz circular o sentido de uma cultura popular nordestina de que se chover nesse dia é sinal de que o período de chuvas será bom, caso contrário o inverno será ruim. Nessa perspectiva, aplicamos ao que se discursiviza sobre as ações proféticas do sujeito Nordestino, a partir do que aponta Baronas (2000), quando coloca que a memória discursiva é resgatada pelo que já foi dito em outros momentos e é por essa condição de ter sido dito anteriormente que possibilita a produção dos sentidos.

Dito isto, retomamos as chamadas profecias da seca, que consistem em realizar experiências para obter informações de um inverno promissor ou não, o que marca o sentido no enunciado: a crença católica diz que se chover no Dia de São José, celebrado nesta terça-feira (19), a safra vai ser boa. (MARKMAN, 2013).

Acreditar nos milagres de um santo firma a religiosidade e a fé como sinônimo de bonança na vida do sujeito, principalmente se tratando de ajudar a quem tanto precisa o sertanejo agricultor, homem forte e trabalhador que espera o ano inteiro para que chegue o inverno e, traga muitas chuvas, para que ele plante e sua colheita seja boa. Dessa forma, retomamos a memória discursiva para estabelecer uma relação interdiscursiva com as profecias da cultura nordestina que produz um dizer de que se chover nessa data, o período de chuvas será promissor.

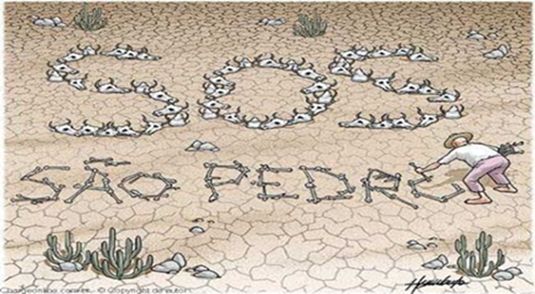
A fé em Deus e nos santos como intercessores, de proteção, força, bênçãos e milagres alcançados, faz parte da cultura do nordestino, frente a quaisquer ironias do destino ou força do universo, o que prevalece é a ação milagrosa de Deus na vida do homem sertanejo. A retomada do discurso religioso como entrelaçamento do discurso midiático revela que a devoção a um santo é uma condição necessária para a sobrevivência e a solução dos problemas climáticos em meio às dificuldades que surgem na vida. Nesse sentido o discurso é sempre controlado por certos mecanismos de controle discursivo, encontra respaldo na exterioridade, produzindo assim, vontades de verdade que surtem efeitos na construção dos sentidos, que por sua vez é influenciada por determinadas instituições sociais. As regularidades discursivas que se fazem presentes na produção desse discurso são estratégias criadas para atender a uma finalidade, pretende atingir e produzir determinado efeito de sentido. Dessa forma, podemos dizer que esta produção discursiva possui um controle, uma organização, como forma de domínio e poder nos dizeres, pois não se pode dizer tudo em qualquer lugar, em qualquer ocasião. Conforme aponta Foucault (2013, p. 8):

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Depreendemos então, que a produção de discurso na sociedade não acontece de forma aleatória, há todo um jogo de procedimentos de controle, de organização, de seleção exercendo a função de controlar os dizeres, legitimando assim o que pode ou não ser dito.

Passamos agora a dialogar com outro enunciado discursivo que coletamos nos suportes midiáticos, que circula em ambiente virtual. Observamos, mais uma vez, que o discurso religioso é fonte que marca o discurso do sujeito nordestino por isso é retomado como interdiscurso no enunciado midiático. Mesmo com tanto sofrimento, a fé divina é alimento necessário como condição que mantém de pé a religiosidade, e acreditar nos santos faz parte dessa condição. Podemos observar esta questão no enunciado que mostra um homem que frente ao cenário da seca, não está plantando semente, mas sim, caveiras de animais mortos, como vemos no enunciado discursivo a seguir:

**Figura1: SOS. São Pedro**



Fonte: <http://jataovaqueiro.blogspot.com.br/2013/04/choveu-no-sertao.html>.

Retomando a memória discursiva como categoria que possibilita a construção de efeitos de sentido pelo que foi dito antes, construído por meio de uma memória que já se faz presente na sociedade, percebemos que a estratégia discursiva no enunciado midiático apresenta elementos que marcam simbolicamente o cenário da região Nordeste. O efeito de sentido construído através da imagem do solo seco e rachado, quase deserto, o mandacaru como um verde desbotado, no tom de cinza, possibilitam um ambiente traz o sentido de um lugar sofrido, acometido por situações tristes e que a morte, a dor e o sofrimento prevalecem ali, há muito tempo. Esse sentido produzido no discurso da charge favorece a construção da identidade nordestina por meio de símbolos característicos de uma parte da região, reforçando o sentido de lugar de sofrimento e seca.

Podemos perceber essa construção de efeitos através do nome SOS, escrito em letras grandes e destacadas com carcaças de boi. Ao acionarmos a memória discursiva e nos remetermos ao significado que a sigla SOS possui na exterioridade, observamos que se trata do código universal de pedido de socorro, que funciona como uma espécie de alerta quando se precisa de ajuda urgente. Nesse sentido, o enunciado nos incita dizer que a seca causa sofrimento e dor tanto ao ser humano, como aos animais, para a vegetação, para o trabalho com a agricultura. Assim, o efeito de sentido pode ser construído pelo fato do homem sertanejo pedir socorro diante do fato de estar vivenciando uma dura realidade, recorrendo a ajuda que vem do céu, firmando a sua crença e esperança projetada em São Pedro como solução possível para o problema.

A imagem do sertanejo aparece como se ele estivesse na posição de plantar, mas suas sementes são caveiras e carcaças de animais, ele está terminando de concluir o nome São Pedro. Desse modo, podemos destacar o interdiscurso na construção do sentido, por meio da articulação com o discurso religioso, recorrendo ao discurso bíblico de Mateus (15, 19): “Eu te darei as chaves do reino dos céus e tudo que ligares a terra será ligado nos céus, e tudo que desligares na terra será desligado nos céus”. Assim foi dada a São Pedro a missão de fechar e abrir as portas do céu sendo assim, o homem sertanejo, acredita na força divina e de alguns santos para mandar chuva. Então recorrer a São Pedro faz parte de um círculo de fé, reza e devoção para serem agraciados com as chuvas.

Assim, frisamos mais uma vez como a construção da imagem do Nordeste está atrelada à seca, como uma construção discursiva, desse modo, ao observarmos a imagem do solo seco e das caveiras de animais mortos como vítimas da seca, lembramos que estes são elementos que caracterizam este fenômeno no Nordeste, pois o efeito de sentido resgata o dizer de fome, sede, doença e morte que são causados pelo problema da seca, é construída pela historicidade e a memória discursiva.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As leituras e análises realizadas para a construção deste trabalho mostram que a linguagem, suas manifestações e funcionamento se relacionam ao contexto social e a produção de diferentes efeitos de sentidos.

A partir do objetivo traçado que parte de categorias de análise da AD, que consiste em analisar os efeitos de sentidos retomando o resgate da memória discursiva, do interdiscurso, usando o discurso da mídia, um veículo propagador de informações que discursivizam a problemática da seca na região Nordeste, foi possível perceber resultados significativos para mostrar como a leitura discursiva mobiliza sentidos que estão na relação da linguagem com a história.

A partir das analises feitas, percebemos que o interdiscurso religioso se apresenta como uma estratégia discursiva, nas duas materialidades analisadas. No que diz respeito ao discurso da região Nordeste, através do resgate da memória discursiva e do interdiscurso, foi possível observar que o discurso religioso se faz presente como fonte principal para firmar a fé e a crença do sujeito nordestino, isso também nos leva a pensar na cultura popular do nordeste. O efeito de sentido da palavra seca revela traços de miséria, fome, atraso, solo seco e rachado, um discurso que ajuda na construção de uma imagem fixa sobre esta região e seus habitantes, silenciando outras formas de construir a identidade nordestina. A mídia, nos enunciados analisados, evidencia esse sentido e apaga outros. A seca e suas consequências drásticas torna-se a projeção maior da imagem que se tem sobre o Nordeste, como se o nordeste se resumisse somente a essa condição.

Consideramos o assunto da seca no Nordeste, de cunho social e bastante evidente nos discursos que circulam na sociedade, que por sua vez geram uma série de dizeres e possibilitam tanto a produção de sentidos como a construção de identidades sobre o Nordeste, não em sua totalidade, mas como uma produção discursiva sempre guiada por movências e silenciamentos.

**REFERÊNCIAS**

BARONAS, L,R. C**onfiguraçõe da memória discursiva em slogans políticos**. In GREGOLIN, M, R. **Filigramas do discurso: as vozes da história**. São Paulo: cultura acadêmica editora, 2000.

BIBLÍA SAGARDA. São Paulo: Paullus, 1990.

FERNANDES, C, **A. Análise do Discurso: Reflexões introdutórias.** Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no college de Frence.** pronunciada em dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2007.

GREGOLIN, M, R. **Foucault e Pêucheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos, Claraluz, 2004.NASCIMENTO, E, F. **Sentido, memória e identidade no discurso poético de Patativa do Assaré**. Recife, 2010.

ORLANDI, E, P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP, Pontes editores, 2013.

PECHÊUX, M. **Papel da memória. In: Papel da memória*.*** Org: PIERRE, A. Campinas. SP: Pontes, 1999.

SANTOS, A, G, P, dos. **Das movências do sentido à construção de imagem na política: uma análise das estratégias discursivas da mídia na eleição presidencial americana de 2008**. Pau dos Ferros, RN, 2010.

MAKMAN, Luna**. Chuva no dia de São José é esperança para 9 cidades vítimas da seca**. G1 Pernambuco. Por:. <Disponível em: http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/03/chuva-no-dia-de-sao-jose-e-esperanca-para-9-cidades-vitimas-da-seca-em-pe.html.> Acesso em: 20/05/2016.